



## RELATÓRIO DE CLIPPING IPCG

CONFERÊNCIA:

Alianças Estratégicas como opções de crescimento das empresas: implicações  
ao nível do Corporate Governance

NOVEMBRO 2016

[WWW.CUNHAVAZ.COM](http://WWW.CUNHAVAZ.COM)

# **Destiques**

**(mancha noticiosa)**



BANCA E FINANÇAS

## Nuno Amado: "Temos que ter a CGD pública para não sermos ingénuos"

O presidente do BCP, Nuno Amado, destacou esta quinta-feira a importância de Portugal manter a Caixa Geral de Depósitos (CGD) como um banco público, considerando que a nova realidade do setor bancário não permita outra opção.



Bruno Zêzê

f t in G+ 1

Guardar Imprimir

Uma  
17 de Novembro de 2016 às 21:02

"Hoje sou defensor da existência de um banco público em Portugal. Não pensava assim há três, quatro ou cinco anos, achava até que era um erro para o país. Mas hoje acho que temos que ter a CGD pública para não sermos ingénuos", afirmou o líder do maior banco privado português.

Nuno Amado participava num debate promovido pelo Instituto Português de Corporate Governance (IPCG), em Lisboa, tendo admitido que as alterações no setor nos últimos anos, e a própria evolução na realidade do bloco de países que partilham a moeda única europeia, o levaram a alterar o modo como olha para a CGD.

"Eu estou cada vez mais radical e acho que o Estado não deve estar na economia, deve regular a economia", lançou, apontando para setores como o do cimento, do papel e das telecomunicações, mas abrindo uma exceção para a banca. "No enquadramento que hoje temos, acho que devemos manter um banco público. Não era este o meu entendimento, mas agora é", reforçou.

IPCG



Durante o debate, Pedro Rebelo de Sousa, presidente do Conselho Geral do IPCG, mostrou-se muito crítico com a forma como os vários governos têm lidado com o banco público.

"Acredito que o Estado tem andado a brincar com a CGD. E falo dos sucessivos Governos. Isto é gravíssimo", realçou o advogado. "O que a CGD devia fazer é o que fizeram as Caixas espanholas e o Banco do Brasil, que é ter capital contingente. Mas depois vêm os comunistas dizer que se está a vender aos privados", considerou.

Segundo Pedro Rebelo de Sousa, "a CGD deve ser o elemento estabilizador do sistema financeiro". E destacou: "Queremos que a CGD seja um exemplo para o sistema financeiro. Mas estamos a assistir a um espetáculo que é o oposto disso. É tudo errado. A forma e o conteúdo".

Tendo o cuidado de referir que estas declarações são proferidas "com respeito pelas pessoas que lá estão", Pedro Rebelo de Sousa reconheceu estar "preocupado como contribuinte e como depositante" com a atual situação da CGD,

Pedro Rebelo de Sousa foi administrador não executivo do banco estatal, tendo renunciado ao cargo no verão de 2013, em parte por discordar do modelo de governação, conforme hoje explicou, sem acrescentar mais detalhes.

"Nunca comentei a minha passagem pela CGD. Mas tenho que salientar que a CGD tem uma qualidade de quadros espantosa. E com uma resiliência fantástica. Suportaram cortes de salário e administradores que não se sabe como lá chegaram", assinalou. E acrescentou: "Ainda não percebi qual é a missão que foi confiada à nova gestão. Isto tem que ser clarificado".

O irmão do Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, arriscou ainda opinar sobre a polémica em torno dos salários da nova equipa de gestão da CGD, que é liderada por António Domingues. "Acho que devem ganhar bem. Neste campo, o miserabilismo do Governo anterior é até patético. Por isso, fico perplexo com a atual situação", rematou.

Já Luís Todo Bom, professor do ISCTE que também participou no debate, considerou que a CGD deve funcionar como "estabilizador do mercado" bancário português, dada a sua dimensão e relevância.

[http://www.jornaldenegocios.pt/empresas/banca---financas/detalhe/nuno-amado-temos-que-ter-a-cgd-publica-para-nao-sermos-ingenuos?ref=Empresas\\_Destaque](http://www.jornaldenegocios.pt/empresas/banca---financas/detalhe/nuno-amado-temos-que-ter-a-cgd-publica-para-nao-sermos-ingenuos?ref=Empresas_Destaque)

IPCG

BANCA & FINANÇAS

## BCP acredita no sucesso da parceria com angolanos no Millennium Atlântico

O presidente do BCP, Nuno Amado, mostrou-se esta quinta-feira convicto do sucesso da operação do banco em Angola, após a fusão do Millennium Angola com o Banco Atlântico, que deu origem ao novo Millennium Atlântico.



Miguel Botelho/Agência

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12

8 10 12 14 16 18 20 22 24 26 28 30 32 34 36 38 40 42 44 46 48 50 52 54 56 58 60 62 64 66 68 70 72 74 76 78 80 82 84 86 88 90 92 94 96 98 100

Leia  
21 de Novembro de 2017 às 21:55

"Fizemos uma aliança para o desenvolvimento da nossa operação em Angola. Inicialmente, havia operações cruzadas entre Millennium Angola e o Atlântico, que operavam em segmentos distintos do negócio bancário. Tudo isso funcionou bem, melhor do que pensava", afirmou o gestor num debate promovido pelo Instituto Português de Corporate Governance (IPCG), em Lisboa.

Nuno Amado disse que "meteram lá pessoas boas", mas que "algumas voltaram por falta de adaptabilidade, mas foi um investimento". "Havia objectivos claros e atingimos os objectivos que queríamos. Mas houve um momento em que houve uma alteração nas condições de mercado que tornou tudo mais difícil. Decidimos avançar para um novo tipo de parceria. O melhor é antecipar os problemas e agir rapidamente. Com algumas dificuldades, como nos casamentos, fizemos uma nova parceria para um novo banco, onde somos agora um parceiro minoritário", acrescentou o líder do BCP.

Nuno Amado explicou que, após dar-se o fusão, a parceria passou para um segundo nível, que disse esperar que corra tão bem como o primeiro, pois "tem tudo para dar certo". "Passámos para um novo estágio na evolução da nossa parceria e penso que bem", venceu.

O banqueiro apontou ainda para as qualidades que a entidade portuguesa tem e que vão contribuir para o sucesso do novo Millennium Atlântico. "Temos uma base técnica boa, somos bem-intencionados e temos a capacidade de adaptação para este tipo de parcerias. Tenho uma visão não de pai, mas de padrinho. E de padrinho de baptizado, porque quando cheguei o filho já estava criado", finalizou o presidente do BCP.

IPCG

Durante o debate, em que também participaram o presidente do Conselho-Geral do IPCG, Pedro Rebelo de Sousa, e o professor do ISCTE Luis Todo Bom, o forte investimento que as empresas chinesas têm feito em Portugal foi abordado, isto, numa altura em que o Grupo Fosun negocia a entrada no capital do BCP.

"Prefiro alguém que tenha uma estratégia de 10 ou 15 anos do que de dois ou três trimestres", admitiu Nuno Amado, considerando ainda que, do ponto de vista accionista, "é melhor ter diversidade do que não ter diversidade".

Na quarta-feira, Nuno Amado tinha dito em conferência de imprensa a propósito da apresentação das contas do BCP nos primeiros nove meses do ano, que as negociações com a Fosun relativas à entrada do grupo chinês no banco estão bem encaminhadas e que espera que até ao próximo dia 21 haja condições para dar mais um passo neste processo. "Estão a correr as negociações de uma forma adequada e achamos que dia 21 temos condições para votar", afirmou Nuno Amado.

O gestor não quis especificar quais são as matérias que ainda não estão fechadas, mas revelou que "tem a ver com um conjunto de aspetos, quer de natureza de negócio, quer de natureza de supervisão".

Certo é que, tal como Amado reconheceu, o adiamento da votação da alteração do limite de desblindagem dos direitos de voto no BCP dos actuais 20% para 30%, que era para ter sido hoje feita na reunião magna de accionistas que antecedeu a apresentação dos resultados e foi adiada para nova assembleia-geral (AG), a realizar a 21 de Novembro, "está muito ligado à proposta que a Fosun fez".

Na mesma ocasião, o presidente do BCP escusou-se a comentar o noticiado interesse da petrolífera angolana Sonangol, que é a maior accionista do banco, em reforçar a sua posição para mais de 20% do capital da entidade portuguesa. "A Sonangol é um accionista. Não falo sobre accionistas nem sobre este tipo de situações. Não posso nem quero falar", afirmou Nuno Amado.

[http://www.jornaldenegocios.pt/empresas/banca---financas/detalhe/bcp-acredita-no-sucesso-da-parceria-com-angolanos-no-millennium-atlantico?ref=Empresas\\_Destaque](http://www.jornaldenegocios.pt/empresas/banca---financas/detalhe/bcp-acredita-no-sucesso-da-parceria-com-angolanos-no-millennium-atlantico?ref=Empresas_Destaque)

Banco

## BCP acredita no sucesso da parceria com angolanos no Millennium Atlântico

Lusa  
Ortens



Nuno Amado, presidente do BCP, mostrou-se confiante no sucesso da operação do banco em Angola, após a fusão do Millennium Angola com o Banco Atlântico, que deu origem ao novo Millennium Atlântico.

O presidente do BCP, Nuno Amado, mostrou-se hoje convicto no sucesso da operação do banco em Angola, após a fusão do Millennium Angola com o Banco Atlântico, que deu origem ao novo Millennium Atlântico.

"Fizemos uma aliança para o desenvolvimento da nossa operação em Angola. Inicialmente, havia operações cruzadas entre Millennium Angola e o Atlântico, que operavam em segmentos distintos do negócio bancário. Tudo isso funcionou bem, melhor do que pensava", afirmou o gestor num debate promovido pelo Instituto Português de Corporate Governance (IPCG), em Lisboa.

Nuno Amado disse que "meteram lá pessoas boas", mas que "algumas voltaram por falta de adaptabilidade, mas foi um investimento".

"Havia objetivos claros e atingimos os objetivos que queríamos. Mas houve um momento em que houve uma alteração nas condições de mercado que tornou tudo mais difícil. Decidimos avançar para um novo tipo de parceria. O melhor é antecipar os problemas e agir rapidamente. Com algumas dificuldades, como nos casamentos, fizemos uma nova parceria para um novo banco, onde somos agora um parceiro minoritário", acrescentou o líder do BCP.

Nuno Amado explicou que após dar-se a fusão, a parceria passou para um segundo nível, que disse esperar que corra tão bem como o primeiro, pois "tem tudo para dar certo".

"Passámos para um novo estágio na evolução da nossa parceria e penso que bem", venceu.

"Passámos para um novo estágio na evolução da nossa parceria e penso que bem"

IPCG



IPCG



"Temos uma base técnica boa, somos bem-intencionados e temos a capacidade de adaptação para este tipo de parcerias. Tenho uma visão não de pai, mas de padrinho. E de padrinho de batizado, porque quando cheguei o filho já estava criado", finalizou o presidente do BCP.

Durante o debate, em que também participaram o presidente do Conselho-Geral do IPCG, Pedro Rebelo de Sousa, e o professor do ISCTE Luís Todo Bom, o forte investimento que as empresas chinesas têm feito em Portugal foi abordado, isto, numa altura em que o Grupo Fosun negocia a entrada no capital do BCP.

"Prefiro alguém que tenha uma estratégia de 10 ou 15 anos do que de dois ou três trimestres", admitiu Nuno Amado, considerando ainda que, do ponto de vista acionista, "é melhor ter diversidade do que não ter diversidade".

Na quarta-feira, Nuno Amado tinha dito em conferência de imprensa a propósito da apresentação das contas do BCP nos primeiros nove meses do ano, que as negociações com a Fosun relativas à entrada do grupo chinês no banco estão bem encaminhadas e que espera que até ao próximo dia 21 haja condições para dar mais um passo neste processo.

"Estão a correr as negociações de uma forma adequada e achamos que dia 21 temos condições para votar", afirmou Nuno Amado.

O gestor não quis especificar quais são as matérias que ainda não estão fechadas, mas revelou que "tem a ver com um conjunto de aspetos, quer de natureza de negócio, quer de natureza de supervisão".

Certo é que, tal como Amado reconheceu, o adiamento da votação da alteração do limite de desblindagem dos direitos de voto no BCP dos atuais 20% para 30%, que era para ter sido hoje feita na reunião magna de acionistas que antecedeu a apresentação dos resultados e foi adiada para nova assembleia-geral (AG), a realizar a 21 de novembro, "está muito ligado à proposta que a Fosun fez".

Na mesma ocasião, o presidente do BCP escusou-se a comentar o noticiado interesse da petrolífera angolana Sonangol, que é a maior acionista do banco, em reforçar a sua posição para mais de 20% do capital da entidade portuguesa. Uma notícia avançada pelo ECO em primeira mão.

"A Sonangol é um acionista. Não falo sobre acionistas nem sobre este tipo de situações. Não posso nem quero falar", afirmou Nuno Amado.

Atualmente, a petrolífera angolana detém 18% do capital do BCP, sendo a sua maior acionista.

<https://eco.pt/2016/11/10/bcp-acredita-no-sucesso-da-parceria-com-angolanos-no-millennium-atlantico/>

Banca

## Nuno Amado: “Temos que ter a CGD pública”

Lusa  
Ontem



o presidente do BCP mudou de opinião. Se há alguns anos defendia a CGD privada, agora defende que deve ser do Estado. É “para não sermos ingênuos”, diz.

O presidente do BCP, Nuno Amado, destacou hoje a importância de Portugal manter a Caixa Geral de Depósitos (CGD) como um banco público, considerando que a nova realidade do setor bancário não permite outra opção.

“Hoje sou defensor da existência de um banco público em Portugal. Não pensava assim há três, quatro ou cinco anos, achava até que era um erro para o país. Mas hoje acho que temos que ter a CGD pública para não sermos ingênuos”, afirmou o líder do maior banco privado português.

Nuno Amado participava num debate promovido pelo Instituto Português de Corporate Governance (IPCG), em Lisboa, tendo admitido que as alterações no setor nos últimos anos, e a própria evolução na realidade do bloco de países que partilham a moeda única europeia, o levaram a alterar o modo como olha para a CGD.

“Eu estou cada vez mais radical e acho que o Estado não deve estar na economia, deve regular a economia”, lançou, apontando para setores como o do cimento, do papel e das telecomunicações, mas abrindo uma exceção para a banca.

“No enquadramento que hoje temos, acho que devemos manter um banco público. Não era este o meu entendimento, mas agora é”, reforçou.

IPCG  
→

<https://eco.pt/2016/11/10/nuno-amado-temos-que-ter-a-cgd-publica/>

CGD  
Nuno Amado. “Temos que ter a  
CGD pública para não sermos  
ingénuos”



Dinheiro  
Vivo/LUSA  
10.11.2016 20:13

O presidente do BCP defendeu a importância de um banco público.

O presidente do BCP, Nuno Amado, destacou hoje a importância de Portugal manter a Caixa Geral de Depósitos (CGD) como um banco público, considerando que a nova realidade do setor bancário não permite outra opção.

“Hoje sou defensor da existência de um banco público em Portugal. Não pensava assim há três, quatro ou cinco anos, achava até que era um erro para o país. Mas hoje acho que temos que ter a CGD pública para não sermos ingénuos”, afirmou o líder do maior banco privado português.

Nuno Amado participava num debate promovido pelo Instituto Português de Corporate Governance (IPCG), em Lisboa, tendo admitido que as alterações no setor nos últimos anos, e a própria evolução na realidade do bloco de países que partilham a moeda única europeia, o levaram a alterar o modo como olha para a CGD.

“Eu estou cada vez mais radical e acho que o Estado não deve estar na economia, deve regular a economia”, lançou, apontando para setores como o do cimento, do papel e das telecomunicações, mas abrindo uma exceção para a banca.

“No enquadramento que hoje temos, acho que devemos manter um banco público. Não era este o meu entendimento, mas agora é”, reforçou.

IPCG



<https://www.dinheirovivo.pt/banca/nuno-amado-temos-que-ter-a-cgd-publica-para-nao-sermos-ingenuos/>

## Presidente do BCP: "Temos que ter a CGD pública para não sermos ingénuos"

Nuno Amado admite que as alterações no setor, nos últimos anos, e a própria evolução na realidade do bloco de países que partilham a moeda única europeia, o levaram a alterar o modo como olha para o banco público.

2016-11-10 20:00 Redação / Luiza/ALM

LEIA TAMBÉM



Administração da Caixa faz exigência para não se demitir em bloco

Hoje às 07:42



Acionistas do BCP adiam alteração à blindagem de estatutos

9 nov, 12:20

Caixa: Ministério Público admite apreciar falta das declarações

8 nov, 10:27

BE e PSD pressionam Costa: caso Caixa arrasta-se há demasiado tempo

7 nov, 18:12

Governo: Gestores da CGD têm de entregar a declaração de rendimentos

7 nov, 07:11



Nuno Amado, Luiza/Algal/Luiza



O presidente do BCP, Nuno Amado, destacou hoje a importância de Portugal manter a Caixa Geral de Depósitos (CGD) como um banco público, considerando que a nova realidade do setor bancário não permite outra opção.

“Hoje sou defensor da existência de um banco público em Portugal. Não pensava assim há três, quatro ou cinco anos, achava até que era um erro para o país. Mas hoje acho que temos que ter a CGD pública para não sermos ingénuos”, afirmou o líder do maior banco privado português.

Nuno Amado participou num debate promovido pelo Instituto Português de Corporate Governance (IPCG), em Lisboa, tendo admitido que as alterações no setor nos últimos anos, e a própria evolução na realidade do bloco de países que partilham a moeda única europeia, o levaram a alterar o modo como olha para a CGD.

“Eu estou cada vez mais radical e acho que o Estado não deve estar na economia, deve regular a economia”, lançou, apontando para setores como o do cimento, do papel e das telecomunicações, mas abrindo uma exceção para a banca.

“No enquadramento que hoje temos, acho que devemos manter um banco público. Não era este o meu entendimento, mas agora é”, reforçou.

Durante o debate, Pedro Rebelo de Sousa, presidente do Conselho Geral do IPCG, mostrou-se muito crítico com a forma como os vários governos têm lidado com o banco público.

“Acredito que o Estado tem andado a brincar com a CGD. E falo dos sucessivos Governos. Isto é gravíssimo”, realçou o advogado.

“O que a CGD devia fazer é o que fizeram as Caixas espanholas e o Banco do Brasil, que é ter capital contingente. Mas depois vêm os comunistas dizer que se está a vender aos privados”, considerou.

IPCG



<http://www.tv24.iol.pt/economia/banca/presidente-do-bcp-temos-que-ter-a-cgd-publica-para-nao-sermos-ingenuos>

## Nuno Amado diz que é importante manter a CGD pública

"Temos que ter a CGD pública para não sermos ingénuos", afirmou.

Por Lusa | 18.11.18



O presidente do BCP, Nuno Amado.

Foto: Bruno Rodrigues/Agência de Notícias

O presidente do BCP, Nuno Amado, destacou esta quinta-feira a importância de Portugal manter a Caixa Geral de Depósitos (CGD) como um banco público, considerando que a nova realidade do setor bancário não permite outra opção.

"Hoje sou defensor da existência de um banco público em Portugal. Não pensava assim há três, quatro ou cinco anos, achava até que era um erro para o país. Mas hoje acho que temos que ter a CGD pública para não sermos ingénuos", afirmou o líder do maior banco privado português.

Nuno Amado participava num debate promovido pelo Instituto Português de Corporate Governance (IPCG), em Lisboa, sendo admitido que as alterações no setor nos últimos anos, e a própria evolução na realidade do bloco de países que partilham a moeda única europeia, o levaram a alterar o modo como olha para a CGD.

"Eu estou cada vez mais radical e acho que o Estado não deve estar na economia, deve regular a economia", lançou, apontando para setores como o do cimento, do papel e das telecomunicações, mas abrindo uma exceção para a banca.

"No enquadramento que hoje temos, acho que devemos manter um banco público. Não era este o meu entendimento, mas agora é", reforçou.

IPCG



[http://www.cmjornal.pt/cm-ao-minuto/detalhe/temos-que-ter-a-cgd-publica-para-nao-sermos-ingenuos---nuno-amado?ref=Bloco\\_CMAoMinuto](http://www.cmjornal.pt/cm-ao-minuto/detalhe/temos-que-ter-a-cgd-publica-para-nao-sermos-ingenuos---nuno-amado?ref=Bloco_CMAoMinuto)

11/11/2015 15:20:45



## «Temos que ter a CGD pública para não sermos ingénuos» -- Nuno Amado

Gosto 1 Partilhar Tweet Pin it Partilhar

O presidente do BCP, Nuno Amado, destacou hoje a importância de Portugal manter a Caixa Geral de Depósitos (CGD) como um banco público, considerando que a nova realidade do setor bancário não permite outra opção.

«Hoje sou defensor da existência de um banco público em Portugal. Não pensava assim há três, quatro ou cinco anos, achava até que era um erro para o país. Mas hoje acho que temos que ter a CGD pública para não sermos ingénuos», afirmou o líder do maior banco privado português.

Nuno Amado participava num debate promovido pelo Instituto Português de Corporate Governance (IPCG), em Lisboa, tendo admitido que as alterações no setor nos últimos anos, e a própria evolução na realidade do bloco de países que partilham a moeda única europeia, o levaram a alterar o modo como olha para a CGD.

Dinheiro Digital / Lusa

IPCG



[http://dinheirodigital.sapo.pt/news.asp?id\\_news=256918](http://dinheirodigital.sapo.pt/news.asp?id_news=256918)

## BCP acredita no sucesso da parceria com angolanos no Millennium Atlântico

O presidente do BCP, Nuno Amado, mostrou-se hoje convicto no sucesso da operação do banco em Angola, após a fusão do Millennium Angola com o Banco Atlântico, que deu origem ao novo Millennium Atlântico.



Cláudia Fragata

ECONOMIA NUNO AMADO

em LISBOA



F PARTILHAR

WhatsApp

Twitter

Facebook

LinkedIn

"Fizemos uma aliança para o desenvolvimento da nossa operação em Angola. Inicialmente, havia operações cruzadas entre Millennium Angola e o Atlântico, que operavam em segmentos distintos do negócio bancário. Tudo isso funcionou bem, melhor do que pensava", afirmou o gestor num debate promovido pelo Instituto Português de Corporate Governance (IPCG), em Lisboa.



Nuno Amado disse que "meteram lá pessoas boas", mas que "algumas voltaram por falta de adaptabilidade, mas foi um investimento".

"Havia objetivos claros e atingimos os objetivos que queríamos. Mas houve um momento em que houve uma alteração nas condições de mercado que tornou tudo mais difícil. Decidimos avançar para um

novo tipo de parceria. O melhor é antecipar os problemas e agir rapidamente. Com algumas dificuldades, como nos casamentos, fizemos uma nova parceria para um novo banco, onde somos agora um parceiro minoritário", acrescentou o líder do BCP.

Nuno Amado explicou que após dar-se a fusão, a parceria passou para um segundo nível, que disse esperar que corra tão bem como o primeiro, pois "tem tudo para dar certo".

IPCG



Durante o debate, em que também participaram o presidente do Conselho-Geral do IPOG, Pedro Rebelo de Sousa, e o professor do ISCTE Luís Todo Bom, o forte investimento que as empresas chinesas têm feito em Portugal foi abordado, isto, numa altura em que o Grupo Fosun negocia a entrada no capital do BCP.

"Prefiro alguém que tenha uma estratégia de 10 ou 15 anos do que de dois ou três trimestres", admitiu Nuno Amado, considerando ainda que, do ponto de vista acionista, "é melhor ter diversidade do que não ter diversidade".

Na quarta-feira, Nuno Amado tinha dito em conferência de imprensa a propósito da apresentação das contas do BCP nos primeiros nove meses do ano, que as negociações com a Fosun relativas à entrada do grupo chinês no banco estão bem encaminhadas e que espera que até ao próximo dia 21 haja condições para dar mais um passo neste processo.

"Estão a correr as negociações de uma forma adequada e achamos que dia 21 temos condições para votar", afirmou Nuno Amado.

O gestor não quis especificar quais são as matérias que ainda não estão fechadas, mas revelou que "tem a ver com um conjunto de aspetos, quer de natureza de negócio, quer de natureza de supervisão".

Certo é que, tal como Amado reconheceu, o adiamento da votação da alteração do limite de desblindagem dos direitos de voto no BCP dos atuais 20% para 30%, que era para ter sido hoje feita na reunião magna de acionistas que antecedeu a apresentação dos resultados e foi adiada para nova assembleia-geral (AG), a realizar a 21 de novembro, "está muito ligado à proposta que a Fosun fez".

Na mesma ocasião, o presidente do BCP escusou-se a comentar o noticiado interesse da petrolífera angolana Sonangol, que é a maior acionista do banco, em reforçar a sua posição para mais de 20% do capital da entidade portuguesa.

"A Sonangol é um acionista. Não falo sobre acionistas nem sobre este tipo de situações. Não posso nem quero falar", afirmou Nuno Amado.

O jornal económico 'online' ECO avançou na quarta-feira que a Sonangol, presidida por Isabel dos Santos, quer ter mais de 20% do capital do BCP e por isso já fez chegar ao Banco Central Europeu (BCE) um pedido formal de autorização.

Atualmente, a petrolífera angolana detém 18% do capital do BCP, sendo a sua maior acionista.

IPCG



<https://www.noticiasao-minuto.com/economia/685992/bcp-acredita-no-sucesso-da-parceria-com-angolanos-no-millennium-atlantico>

## "Temos que ter a CGD pública para não sermos ingénuos"

O presidente do BCP, Nuno Amado, destacou hoje a importância de Portugal manter a Caixa Geral de Depósitos (CGD) como um banco público, considerando que a nova realidade do setor bancário não permite outra opção.



ECONOMIA NUNO AMADO

NO ENTREVISTA  
POR LUSA



"Hoje sou defensor da existência de um banco público em Portugal. Não pensava assim há três, quatro ou cinco anos, achava até que era um erro para o país. Mas hoje acho que temos que ter a CGD pública para não sermos ingénuos", afirmou o líder do maior banco privado português.

por

### Condições de campanha:

- 1º câmbio no dia primeiro de maio após aprovação.
- Escolha a sua oferta nos 6 meses após aprovação.
- Exclusão total de ações civis até 31 de outubro de 2016.
- Ponto de veto à oferta caso entre em incumprimento.

Nuno Amado participava num debate promovido pelo Instituto Português de Corporate Governance (IPCG), em Lisboa, tendo admitido que as alterações no setor nos últimos anos, e a própria evolução na realidade do bloco de países que partilham a moeda única europeia, o levaram a alterar o modo como olha para a CGD.

"Eu estou cada vez mais radical e acho que o Estado não deve estar na economia, deve regular a economia", lançou, apontando para setores como o do cimento, do papel e das telecomunicações, mas abrindo uma exceção para a banca.

## IPCG

Durante o debate, Pedro Rebelo de Sousa, presidente do Conselho Geral do IPCG, mostrou-se muito crítico com a forma como os vários governos têm lidado com o banco público.

"Acredito que o Estado tem andado a brincar com a CGD. E falo dos sucessivos Governos. Isto é gravíssimo", realçou o advogado.

"O que a CGD devia fazer é o que fizeram as Caixas espanholas e o Banco do Brasil, que é ter capital contingente. Mas depois vêm os comunistas dizer que se está a vender aos privados", considerou.

Segundo Pedro Rebelo de Sousa, "a CGD deve ser o elemento estabilizador do sistema financeiro".

E destacou: "Queremos que a CGD seja um exemplo para o sistema financeiro. Mas estamos a assistir a um espetáculo que é o oposto disso. É tudo errado. A forma e o conteúdo".

Tendo o cuidado de referir que estas declarações são proferidas "com respeito pelas pessoas que lá estão", Pedro Rebelo de Sousa reconheceu estar "preocupado como contribuinte e como depositante" com a atual situação da CGD.

Pedro Rebelo de Sousa foi administrador não executivo do banco estatal, tendo renunciado ao cargo no verão de 2013, em parte por discordar do modelo de governação, conforme hoje explicou, sem acrescentar mais detalhes.

"Nunca comentei a minha passagem pela CGD. Mas tenho que salientar que a CGD tem uma qualidade de quadros espantosa. E com uma resiliência fantástica. Suportaram cortes de salário e administradores que não se sabe como lá chegaram", assinalou.

E acrescentou: "Ainda não percebi qual é a missão que foi confiada à nova gestão. Isto tem que ser clarificado".

O irmão do Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, arriscou ainda opinar sobre a polémica em torno dos salários da nova equipa de gestão da CGD, que é liderada por António Domingues.

"Acho que devem ganhar bem. Neste campo, o miserabilismo do Governo anterior é até patético. Por isso, fico perplexo com a atual situação", rematou.

Já Luís Todo Bom, professor do ISCTE que também participou no debate, considerou que a CGD deve funcionar como "estabilizador do mercado" bancário português, dada a sua dimensão e relevância.

## IPCG

<https://www.noticiasaoeminuto.com/economia/68594/5/temos-que-ter-a-cgd-publica-para-nao-sermos-ingenuos>

ACTUALIDADE

## "Temos que ter a CGD pública para não sermos ingénuos" -- Nuno Amado

10 | 11 | 2016 19:56H

O presidente do BCP, Nuno Amado, destacou hoje a importância de Portugal manter a Caixa Geral de Depósitos (CGD) como um banco público, considerando que a nova realidade do setor bancário não permite outra opção.

"Hoje sou defensor da existência de um banco público em Portugal. Não pensava assim há três, quatro ou cinco anos, achava até que era um erro para o país. Mas hoje acho que temos que ter a CGD pública para não sermos ingénuos", afirmou o líder do maior banco privado português.

Nuno Amado participava num debate promovido pelo Instituto Português de Corporate Governance (IPCG), em Lisboa, tendo admitido que as alterações no setor nos últimos anos, e a própria evolução na realidade do bloco de países que partilham a moeda única europeia, o levaram a alterar o modo como olha para a CGD.

IPCG

DESTAK/LUSA | DESTAK@DESTAK.PT

<http://www.destak.pt/artigo/284660-temos-que-ter-a-cgd-publica-para-nao-sermos-ingenuos-nuno-amado>

CV&A  
CONSULTORES

[WWW.CUNHAVAZ.COM](http://WWW.CUNHAVAZ.COM)